

ÍSOLA Nº. 1

I.

A vista que enxerga
tarde
a descida da estrada cinza
entre os pastos barrentos

lá onde sentei.

Via mundos	que me ofereciam	que me que me
povos	que me ofereciam	queriam queriam
que não meus	me ofereciam	preso como
meninas	que me ofereciam	não pude

lá, onde depois
tudo se arrasaria,

os cães ladravam enjaulados
intocados
até o dia do última dia

Lá, onde sorri,
na pressa de ir embora,

Era mais um
16 de Outubro
de mais um
1890 que jamais existiu.

os mesmos refrescos, salgados
fantasmas
dos cômodos envernizados

donos dos ladradores
incansáveis na vingança.

que me ofereciam

II.

Noite

da descida dos horrores da estradas cheia
entre os pastos vermelhidões

gritos
horas

ventos

Os cães rasgam a carne
ainda acorrentados
lágrimas das carcaças nas paredes

choros

galopes surdos

(de 1890)

Os risos risos risos risos
risos soam risos como risos
risos últimos risos
impondo-se sobre
a descida do velho piano de cauda
pela estrada, atropelante

risos e
tropeços e morte erisos

III.

(Risos) na vista (minha)
que enxerga
(muito) tarde.

levantei
e deixei um planeta atônito.
Lá,
nada se modificou.

os cães hoje dormem
eu permaneço ainda.

Capela, 9 de maio

ROSAS

E se eu lhe desse rosas, Marieta
meu máximo atrevimento
penúltimo anúncio

daqueles medrosos
que não dizem finais

Se teus outros seres não resmungassem,
o ronronar cálido dos teus olhos
esmeralda
escaparia a vista ao topo
da redenção de tua janela
e lá avistaria tão distante o
ósculo que te aproxima

pé ante pé no
estalar do assoalho oco
dos teus aposentos

na busca do teu rosto oculto
cinzelado noutra planeta
que não este
que não com estes cinzéis inúteis

se eu lhe desse estas rosas,
que faria tua boca, Marieta?

Desenhos no azul celeste
feito da brisa furiosa dos teus sorrisos,
valsaria saltitante à luz da minha invisível visita
e contaria somente a teus livros?

Em que páginas esconderia teus segredos
misturados as pétalas que te dei?

Para onde irias fugir senão para teu jardim
brincar com teus répteis encantados
e cantarias pra quem senão os anjos
que te saúdam do espelho?

Como conter
a felicidade
no teu sono
no teu pranto

se teus poros
exalam tempestades
se teus cabelos
revolvem furacões?

Se eu lhe desse rosas, Marieta
que tratados não estudaria
na beira da tua cama
sem que pensasse nelas
silenciosas na tua paisagem à parte
incansáveis na
espera
do ronronar
feérico dos teus olhos
esmeralda

fitando tuas árvores
teus quadros
e teus estrondos

Que nomes não ganhariam de ti
se elas rosas
soubessem mesmo escrever.

MACAO

Proteja, São Tiago da Barra
o que nos restou de Ming
antes dos jogos de azar
antes da pena
de Camões
derramar os primeiros versos
sobre o solo
fazendo brotar nossa última
flor de lótus.

2006 © MARIANO MAROVATTO

MISTÉRIO EM SEIS DEDOS

*À beira-vista
da insula ansiada – vendo já
o alcançável Éden ao quase
toque da mão: os deuses conspiraram.*

Haroldo de Campos

o
desembarque du omilesimal
atlântico do
Reich en Verdejantes
derretido às chuvas aos trópicos
arianos
ex patriados
ou de(se)gredados
Sucumbem 39 a 41 &
não-retorno nos
tempos de Hiroshima
em Gupira e o átomongulala
que se estende von Däniken
Ruída e repousa
entresselvagens
suásticas & amazônicos
ataviados
fusionebriosamente
na dissipação da ciência
em
natureza
conclamando em nada.

INTRÓITO

I.

Antes
deve-se enterrar os fantasmas
despedir-se
correctamente

- Que nunca mais folheiem meus cadernos

nem assaltem minha noite
e atormentem minha jornada

deve-se aprisioná-los numa fotografia
e queimá-la

como quem ausculta bobagens

1.1 Livra-te dos métodos
inquisidores de lobotomia

1.2 Livra-te das explicações
atemorizantes dos sonhos

posto que
tua vida

ausculta, ausculta

não é esta.

ausculta, ausculta...

1.3 Livra-te do terror
que nunca aconteceu

1.4 Livra-te das horas
perdidas no fosso

ausculta, ausculta

ausculta

posto que
tua vida

ausculta

ausculta, ausculta

não é
está.

II.

Tome a chave
trancafe a cave

pois cá estão os
tratores e as
dinamites.

Sobe o primeiro monte
que assombra o Tejo

olhe, meu bem, o céu

É azul como nunca
O Sol bate mas não queima
É outono

e Deus te mostra os cometas brancos.

2006 © MARIANO MAROVATTO